
Abre a roda, chegou Madureira! Imagens, afetos e tradições em um bairro carioca.

Carlos Eduardo Dias Souza



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/7416>

DOI: 10.4000/pontourbe.7416

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Refêrencia eletrónica

Carlos Eduardo Dias Souza, « *Abre a roda, chegou Madureira!* Imagens, afetos e tradições em um bairro carioca. », *Ponto Urbe* [Online], 25 | 2019, posto online no dia 25 dezembro 2019, consultado o 31 julho 2020. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/7416> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/pontourbe.7416>

Este documento foi criado de forma automática no dia 31 julho 2020.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

Abre a roda, chegou Madureira! Imagens, afetos e tradições em um bairro carioca.

Carlos Eduardo Dias Souza

REFERÊNCIA

SANTOS, Myrian Sepúlveda (org). *Nos quintais do samba da grande Madureira*. Memória, história e imagens de ontem e hoje. São Paulo: Olhares, 2016, 160pp.

NOTA DO EDITOR

Versão original recebida em / Original Version 18/04/2019

Aceitação / Accepted 02/08/2019

*E Madureira é muito mais que um lugar
É capital do samba que me faz sonhar!*



Quadra da Portela (Portelão) em 2009.

- 1 Fim de tarde de sábado no Rio de Janeiro, no bairro suburbano de Madureira. Na foto, o azul do céu, assim como a mão de um homem secando o rosto, sugerem que a tarde estava quente. Nela, porém, há outros azuis: o do Grêmio Recreativo Escola de Samba Portela, onde é realizada uma feijoada no primeiro sábado de cada mês. A foto que inicia este texto foi tirada numa dessas feijoadas, em 2009, antes da quadra passar por uma reforma que modificou sua estrutura. Ainda que a arquitetura captada na foto não mais exista, o tanto de gente que faz desse lugar um espaço de festa, comunhão e afeto se mantém até o presente.
- 2 É um pouco desse clima que a obra *Nos quintais do samba da grande Madureira*, organizada pela professora da UERJ Myrian Santos, busca nos trazer. Como destaca a autora em texto que abre o livro, “mais do que um livro de memórias, os temas trazidos revolvem tradições, aquelas práticas sedimentadas que são renovadas a cada esquina” (p. 34). A obra conta com textos de outros autores e é finalizada por um ensaio visual de Edu Monteiro, no qual o fotógrafo captura momentos do dia a dia das pessoas do bairro. De rodas de samba à religiosidade de matriz afro-brasileira, são aquelas tradições sedimentadas pelo cotidiano apontadas por Santos que Monteiro nos traz, fazendo dos textos, imagens.
- 3 Lançado em 2016, o livro conta com cinco artigos, incluindo a apresentação escrita pela organizadora. No início e no fim da obra, porém, são fotos de Madureira ontem e hoje que nos fornecem alguns elementos do tema geral. Um primeiro olhar pode perceber, nas fotos, marcas de ausência, ainda que em algumas delas existam sinais de intervenção do poder público, como as fotos dos bondes antigos. Todavia, tanto as fotos antigas quanto as recentes trazem elementos que sugerem que o bairro, apesar dos problemas, é um lugar de festa e celebração. Das fotos de Paulo da Portela – fundador da escola que lhe empresta o codinome – a registros da velha guarda da escola de samba por ele fundada em 1923 com o nome *Baianinhas de Oswaldo Cruz*, passando por imagens

de apresentações de jongo e de Vovó Maria Joana Rezadeira, a obra é iniciada apontando para aquilo que o historiador Luiz Antônio Simas (2012:30-31) nomeia de “integração pela festa”.

- 4 A obra se insere no projeto Museu Afro-digital Rio², que vem reunindo um acervo online sobre práticas afrodescendentes. O projeto faz parte de uma rede que inclui museus análogos em outros estados do país. O *site* conta com links para exposições virtuais e possui também um acervo próprio, que vai de documentos sobre a capoeira no Rio até *links* para vídeos e *podcasts* sobre temas relacionados à cultura afro-brasileira. Nesse sentido, o livro comunga com o site algumas questões centrais, como a relação entre memória, cultura e patrimônio, questões que permeiam os cinco artigos e o ensaio fotográfico. Essas questões, somadas às minhas experiências no bairro e expressas nas fotos feitas por mim em diferentes momentos festivos por lá, guiam a escrita desta resenha, que é também um guia afetivo pessoal.

Laiá... Nossa história começa por lá

- 5 Mesmo nas imagens em que o samba não é o foco, dinâmicas próprias desse universo, como a expressão corporal e a religiosidade de matriz afro-brasileira, se fazem presentes. Tal dado não é fortuito, tampouco unicamente um sinal da intenção do fotógrafo. Como apontado no título da obra, são os quintais um espaço central na (re)construção e atualização de redes de sociabilidade locais. E esses quintais, que podem ser um espaço no terreno de casa mas também as ruas ao redor de um bar, remetem não apenas à história do bairro – como o quintal de tia Esther, discutido por Gabriel Cid, na Oswaldo Cruz dos anos 1920, no qual se reuniram futuros integrantes da Portela – mas às práticas cotidianas locais – inclusive as escolas de samba, que atuam como grandes quintais que permitem aprendizados inclusive geracionais, como nas escolas de samba mirins discutidas por Ana Paula Alves.
- 6 Como destaca Santos na apresentação, “ser do samba significa partilhar significados, sentidos, emoções, gestos, desejos, alegrias e tristezas” (p. 39). Não basta curtir a melodia ou sambar, e a foto que inicia esta resenha permite entrever isso: a quadra lotada naquele sábado não se resume à ida ao evento – a feijoada – mas se insere numa rede de sociabilidade que tem, ainda hoje, na escola de samba um lugar de afeto. De pessoas que se conhecem na quadra a outras conhecidas nos ensaios para o desfile, passando por redes familiares, vicinais e até religiosas, o que a obra aponta é que o samba não deve ser pensado como mera fruição de aspecto lúdico (apesar de também sê-lo), mas como parte de experiências afetivas.
- 7 A própria ideia que preside a construção da obra, qual seja, a centralidade dos quintais na construção de uma memória afetiva do bairro, é discutida por Maurício de Castro como um elemento que, nos meandros dessa memória, serve hoje de recurso “para a construção do território [de Madureira e Oswaldo Cruz] como um ‘berço do samba’” (p. 43). Simas (2012: 26) também reparara isso, ao realçar que a identidade local, especialmente do bairro de Oswaldo Cruz, em muito se deve à Portela, que o teria colocado no mapa mundial. Da migração de gente do centro do Rio em contexto de reformas urbanas no começo do século XX à chegada de pessoas de regiões como o interior dos estados de Minas, do Rio e de São Paulo, especialmente a área do Vale do rio Paraíba do Sul (que corta esses dois últimos e foi um dos bastiões do escravismo no Brasil), a região de Madureira teria se valido da pluralidade de tradições e práticas culturais trazidas por essa gente. O acesso fácil por meio dos trens e bondes, somado ao preço mais em conta das moradias na região, fizeram da Grande Madureira uma “área

residencial para as camadas populares”, segundo Castro (p. 44). A origem rural de muitos dos novos moradores da região fazia de ocasiões como as festas de jongo (dança de origem banto comum entre pessoas com ascendência no Vale do Paraíba), as folias de reis (também comuns no vale, assim como na Zona da Mata mineira) e as macumbas locais um momento de grande confraternização. “A integração pela festa”, como crê Simas (2012:30-31), é uma das características da formação sociocultural da região suburbana da cidade do Rio, permitindo a criação, ali, de “novas experiências estéticas”, nas palavras de Castro (p. 44), dentre as quais as escolas de samba.



Quitutes numa calçada em frente ao Madureira Shopping.

No pagode com outro gingado quando o bloco
chegou
Agitou o suingue do black e a nega baiana girou

- 8 O papel das “tias”, nesse sentido, torna-se central para a consolidação de novas redes de sociabilidade. Desde a vinda de migrantes baianos para o Rio ainda no século XIX, o papel mediador das tias baianas teria sido fundamental para a ampliação de redes, incluindo com o poder estabelecido, a fim de permitir a continuidade de tradições religiosas e lúdicas – o samba entre elas. O apoio ao samba, naquela época de perseguição a ele, era também uma forma de defesa de tradições religiosas, papel que teria alçado tia Ciata a uma posição de destaque nesse universo (Velloso, 1990). É a ela que outras tias, hoje, se referem quando buscam reforçar sua identificação a práticas não apenas do samba, mas também religiosas (p. 46-47), como aponta Castro e amplia Maria Alice Gonçalves em texto sobre a Feira das Yabás, uma feira mensal que ocorre na praça Paulo da Portela em Oswaldo Cruz. Gonçalves lembra “que a religiosidade, a comida e a música sempre andaram juntas, rompendo com as barreiras entre o público e o privado” (p. 53).
- 9 De fato, a própria dinâmica dos quintais já evidencia um tipo de experiência onde esses “limites” são bastante fluidos. Outro elemento que Gonçalves destaca, ao apontar o

“legado africano” da cultura iorubá no Brasil – evidente no nome da própria feira, “yabá”, que no Brasil refere-se aos orixás femininos –, é sua concepção de tempo, na qual “o passado está contido no presente” (p. 54-55). Mesmo que hoje se toquem outros gingados que não o samba, as tias na feira, muitas das quais iniciadas no santo, fazem dos arquétipos dos orixás femininos os elementos que orientam sua apresentação naquele espaço. Enquanto “tias-cozinheiras”, as yabás promovem, hoje, a mediação que tias como Ciata faziam no passado entre associações negras (como o candomblé) e a cidade, mostrando, mais uma vez, a força da mulher negra.

- 10 A “Tia do Mocotó” da foto 2 é um sinal disso, além de outro: a ocupação dos espaços – como as calçadas e as esquinas – do bairro. Cada ocupação dessa, em certa medida, consolida usos que facilitam a promoção de memórias, tradições e experiências cotidianas. É o caso da Feira das Yabás, hoje patrimônio histórico e cultural do Estado do Rio, mas é também o caso da rua da boate *gay* Papa G – quem nunca foi “dar pinta” na rua da Papa? – ou dos grupos que ocupam hoje os espaços debaixo do viaduto Negrão de Lima – incluindo o maior baile charme da cidade, cujo “suingue do black” agita a região há décadas. O texto de Gabriel Cid explora esses elementos plurais que, a partir da ação de lideranças locais, facilitam a salvaguarda de bens, assim como a valorização da memória local (p. 65).
- 11 A experiência suburbana, que informa, por exemplo, a identidade das escolas de samba locais, tende por vezes a funcionar como um elemento de depreciação. A escassez que algumas das fotos presentes na obra permitem entrever atua como sinal diacrítico, que parte da oposição subúrbio x cidade para fins de justificar a desvalorização da região. Daí a importância de práticas que contribuam para a promoção da memória local, ainda que sem o apoio do poder público. Da estigmatização de práticas – como o samba e as macumbas – à sua apresentação como parte da identidade, uma série de elementos, como os sambas nos quintais da Grande Madureira, permite fazer da memória local não mero recurso, mas sim uma prática cotidiana, cantada, dançada e exibida em ocasiões como a própria Feira das Yabás, mas também nas escolas de samba locais.



Camarote Eulália Oliveira do Nascimento na quadra do Império Serrano em 2009.

Surgiu a coroa imperial

Em outros caminhos para o mesmo ritual

- 12 Na comunidade da Serrinha, organizações como a Casa do Jongo promovem a memória local para além desses sinais negativos. Mais que isso, a região é também berço de outra escola de samba, o Império Serrano, que, assim como a Portela, “revelavam muito das relações existentes nos bairros”, nas palavras de Ana Paula Alves (p. 69). Ainda segundo a autora, “laços de amizade, compadrio e parentesco foram reforçados neste ambiente de solidariedade entre vizinhos”. Em que pese sua heterogeneidade atual, seja de público, seja de seus elementos criadores, as escolas de samba são ainda um espaço fundamental de aprendizagem e integração geracional.
- 13 Esse é o mote de Alves ao apresentar o “Império do Futuro”, a primeira escola de samba mirim, criada pelo Império Serrano em 1983. A aprendizagem que antes se dava em casa, considerando a rede um tanto familiar e vicinal que compunha, à época, a organização das escolas de samba, logo as alcançava, facilitando uma aproximação pela via lúdica. As crianças praticamente “nasciam sambando”. A despeito da presença de alas específicas destinadas a elas nas escolas, a criação de escolas de samba mirins pode ser inserida no processo de profissionalização das escolas de samba a partir da década de 1980. Enquanto uma “inovação na tradição”, nas palavras de Alves, escolas de samba mirins como o “Império do Futuro” são também uma tentativa de capacitação de jovens para o mercado de trabalho (p. 76) – ainda que esse mercado seja interno ao próprio mundo do samba.
- 14 Hoje, tanto a quadra da Portela quanto a do Império estão diferentes das fotos aqui apresentadas. O camarote que levava o nome da “imperiana nº 1” Eulália Nascimento – pois em sua casa fora fundado o Império Serrano em 1947 – já não existe mais como na foto 3. A tia da foto 2 também já não vende mais seu mocotó próxima ao shopping. No

entanto, as práticas que informaram suas ações no passado, além de uma narrativa de um tempo que se foi, são parte, ainda hoje, do cotidiano do bairro.

- 15 Mesmo que as escolas de samba recebam muito mais gente de diferentes locais que no passado, laços familiares e comunitários ainda se reconstróem ali – basta acompanhar as ações da Casa do Jongo, por exemplo, cuja proximidade com o Império Serrano não é meramente simbólica. A presença de crianças nas aulas de percussão da casa sinaliza para uma profissionalização que pode, no futuro, descambar nas baterias das escolas de samba mas também em grupos que se apresentam na diversidade de quintais da Grande Madureira. A grande encruzilhada suburbana que é Madureira continua tendo seus mistérios, que podem nos levar a diferentes caminhos. Seja nos quintais de samba ou ao redor deles, vê-se que não apenas o samba não se deixou morrer, mas também os laços que, a despeito da complexidade da vida moderna, fazem de nós, frequentadores do bairro, um pouco portelenses, imperianos, suburbanos, e cariocas.

Este texto é, também, um sinal de afeto à
memória de Joelma Bax Carneiro,
Imperiana de fé, Mocidade de coração.

BIBLIOGRAFIA

SANTOS, Myrian Sepúlveda (org). 2016. *Nos quintais do samba da grande Madureira*. Memória, história e imagens de ontem e hoje. São Paulo: Olhares.

SIMAS, Luiz Antonio. 2012. *Tantas páginas belas: histórias da Portela*. Rio de Janeiro: Verso Brasil Editora.

VELLOSO, Mônica Pimenta. 1990. As tias baianas tomam conta do pedaço: espaço e identidade cultural no Rio de Janeiro. In *Estudos Históricas*, vol. 3, n. 6: 207-228.

NOTAS

1. Trecho do samba-enredo da Portela em 2013, intitulado *Madureira... onde o meu coração se deixou levar*, de André do Posto 7, Luiz Carlos Máximo, Toninho Nascimento e Wanderley Monteiro.
2. Consultar <<http://www.museuafrorio.uerj.br/>>, acesso em 9 de abr. de 2019

AUTOR

CARLOS EDUARDO DIAS SOUZA

Doutor em Sociologia pela USP Professor de História, Arte e Patrimônio em cursos na área de Turismo do SENAC-RJ E-mail : kdudiaz@gmail.com